

Lição 4: Se o mar sempre foi e sempre será

159. Após determinar a natureza do mar, mostrando que ele é o lugar natural da água, o Filósofo aqui investiga sua geração.

Primeiro, ele indica sua intenção [166], e diz que devemos falar sobre o sal do mar e, além disso, sobre se o mar é eterno ou se houve um tempo em que o mar não existia, e haverá um tempo em que o mar não existirá, mas cessará completamente.

160. Em segundo lugar, ele prossegue a proposição refutando as teorias de outros sobre esta matéria: Primeiro, ele refuta as teorias dos antigos; Em segundo lugar, ele exclui a razão deles, em 163.

Sobre o primeiro, ele faz duas coisas:

Primeiro, ele refuta as teorias dos antigos sobre a origem do mar [167] e diz que alguns pensaram que o mar nem sempre existiu, mas começou a existir em algum tempo. Eles também postularam que o mundo inteiro começou a existir como resultado de algum processo de geração e afirmaram que o mar começou com o mundo. Isso não era irracional, pois, sendo o mar de certa forma o lugar da água, que é um elemento, ele deve estar entre as partes principais do mundo. Portanto, sempre que o mundo existia, o mar também existia. E, assim como eles argumentam que, porque o mundo foi gerado, o mar foi gerado, também podemos argumentar inversamente, que, se o mundo é perpétuo, o mar também o é. Mas que o mundo é perpétuo, ele pressupõe a partir do que provou na *Física* e em *Sobre o Céu* — embora isso seja falso e alheio à fé, como foi dito acima.

161. Em segundo lugar [168], ele refuta as opiniões dos antigos sobre o desaparecimento do mar. Primeiro, ele compara essa teoria a fábulas. E diz que pensar que o mar diminuirá de tamanho e por fim desaparecerá, como disse Demócrito, não é diferente das ideias nas fábulas de Esopo, que afirmou em uma fábula que Cáribdis, um certo abismo profundo no mar, engoliu o mar duas vezes, de tal maneira que antes a água cobria toda a terra, e esse abismo absorveu água suficiente para que as montanhas aparecessem, tendo sido descobertas pela água, e também a terra entre elas; na segunda vez, absorveu o suficiente para que as ilhas aparecessem; na vez final, engolirá toda a água do mar, e assim em toda parte restará terra seca sem o mar. Mas, embora compor tal fábula seja adequado a Esopo, o inventor de fábulas, que a proferiu talvez em um acesso de raiva contra um "porthmeum", isto é, algum porto ou costa marítima, de modo que, irado com as águas, fingiu que todas as águas estavam destinadas a ser engolidas, ainda assim, a proferição de tais contos é menos adequada para filósofos que buscam a verdade.

162. Em segundo lugar [169], ele refuta a teoria mencionada com uma razão. E diz que, seja qual for a causa pela qual a água cercou a terra primeiramente, ela necessariamente permanecerá para sempre: seja dito que isso acontece devido à gravidade da água, cujo peso a faz permanecer abaixo do ar e acima da terra (o que, de fato, é a causa verdadeira e manifesta), ou qualquer que seja a causa, no entanto, por causa disso, é necessário que, se a água do mar esteve algum dia sobre a terra, ela permaneça para sempre. Pois, do contrário, se não fosse assim, teriam que dizer que a água evaporada, levada para o alto pelo sol, não retorna novamente à terra (o oposto disso é evidente no caso da chuva). Ou, se a água elevada retorna, é necessário que o mar sempre permaneça, se a água é para sempre levada ao alto e retorna, ou que permaneça enquanto durar o fenômeno da água retornar. Além disso, será necessário que aquilo que é potável na água seja levado ao alto pela evaporação. Consequentemente, o mar nunca secará em tal alternância — já que a água retornará mais uma vez ao mar.

E não faz diferença se isso acontece uma vez, isto é, que a água elevada desça novamente, ou várias vezes: pois em ambos os casos, nenhuma água se perde. Como se poderia, no entanto, alegar que esse processo alternado não durará para sempre, se o movimento do sol cessasse, ele acrescenta, portanto, que se alguém dissesse que o movimento do sol cessará, não restará nada para causar a secagem do mar; mas se o movimento do sol permanece para sempre, então será sempre necessário que o sol, ao se aproximar de alguma região da terra, levante água por evaporação e, ao se afastar dessa região, a água caia, por causa do frio. E assim não se pode dizer que o mar secará completamente, quer o movimento do sol continue ou cesse.

163. Então [170], ele descarta a razão que os motivou a propor sua teoria. E diz que eles adotaram essa teoria (a saber, que o mar se tornaria completamente seco e que começou a existir em algum momento), porque há muitos lugares que parecem mais secos agora do que antigamente. Mas a causa dessa característica não foi dada antes, a saber, o fato de que em certos tempos determinados é produzido um excesso de água, e não porque o universo como um todo está em processo de devir — embora suas partes estejam. Então, em outros tempos determinados, o contrário acontecerá, a saber, haverá uma seca excessiva. Quando isso ocorrer, a terra que havia sido coberta de água pelo excesso prévio de água será novamente seca. E é necessário que isso prossiga sempre de forma cíclica, ou seja, que após um excesso de água haja, em um tempo definido, um excesso de secura, e vice-versa. Isso é mais razoável do que a teoria de que todo o céu está passando por mudança apenas por causa de certas mudanças particulares que ocorrem ao redor da terra.

E porque essa teoria contra a qual ele falou parece razoável superficialmente, ele observa que sua discussão se alongou mais sobre este ponto do que ele merece.

Revision #2

Created 3 October 2026 23:23:57 by Admin

Updated 4 October 2026 19:03:31 by Admin